



REDE
TEMPO
BRASIL



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

O trabalho revolucionário das mulheres argelinas na Guerra de Independência da Argélia (1954-1962)

Cadídja Assis Pinto¹

Resumo: Este artigo apresenta uma reflexão sobre como as mulheres argelinas se organizavam politicamente durante o período da Guerra de Independência da Argélia (1954-1962). Para esta análise, será acionado a obra “L’An V de la Révolution Algérienne” [1959] de Frantz Fanon como fonte histórica para compreender a atuação das mulheres argelinas na luta anticolonial. Em conjunto com a obra de Fanon, será analisado o trabalho da historiadora argelina Djamila Amrane (1992) e com o aporte teórico de Marnia Lazreg (2019). Veremos, então, neste trabalho quais eram as formas de organização das mulheres militantes durante a Revolução Argelina, dentre elas Djamila Amrane, Djamila Bouhired, Zohra Drif, Samia Lakhdari e Hassiba Bem Bouali.

Palavras-chave: Mulheres Argelinas. Revolução Argelina. Frantz Fanon.

The revolutionary work of Algerian women in the Argélia War of Independence (1954-1962)

Abstract: This article presents a reflection on how Algerian women organized themselves politically during the period of the Argelia War of Independence (1954-1962). For this analysis, the work “L’An V de la Révolution Algérienne” [1959] by Frantz Fanon will be used as a historical source to understand the role of Algerian women in the anti-colonial struggle. In conjunction with Fanon's work, the work of Algerian historian Djamila Amrane (1992) and the theoretical contribution of Marnia Lazreg (2019) will be analyzed. We will then see in this work what the forms of organization of women activists were during the Algerian Revolution, among them Djamila Amrane, Djamila Bouhired, Zohra Drif, Samia Lakhdari and Hassiba Bem Bouali.

Keywords: Algerian Women. Algerian Revolution. Frantz Fanon.

O presente artigo tem como objetivo apresentar uma breve história da atuação das mulheres argelinas na luta anticolonial, cujos anos de Guerra de Independência perduraram de 1954 a 1962, período também conhecido como Revolução Argelina. Este contexto carece de acesso a fontes históricas, especialmente devido à barreira linguística. Estudar a história das mulheres argelinas e sua participação na Revolução é ainda mais desafiador, devido a pouco acesso de fontes. Por este motivo, a obra do psiquiatra anticolonial Frantz Fanon se apresenta como um dos primeiros acessos a essas fontes.

A obra “L’na V de la Révolution Algérienne” [1959] conta esse tema em seu conteúdo, em especial no primeiro capítulo intitulado “A Argélia se Desvela”. A obra é original em francês, mas ainda não foi publicada para o português e por motivos de afinidade ao idioma foi utilizada para análise a versão em inglês. Veremos, então, como

PINTO, C. A.

o cruzamento da obra de Fanon com outras fontes encontradas podem nos auxiliar a construir os passos de uma história pouco contada no campo dos Estudos Africanos no Brasil.

Há nos estudos fanonianos um campo conhecido como fanonismo feminista, no qual pesquisadoras têm se dedicado a compreender as contribuições de Fanon para pensar a descolonização e a libertação da mulher, especialmente no que diz respeito às mulheres argelinas e dos femininos negros (Rabaka, 2011 *apud* Faustino, 2015).^{II} Pensando no diálogo com os campos de estudos do mundo islâmico, autoras como a argelina Marnia Lazreg (2019) têm apontado questões que precisam ser levadas em consideração para refletir sobre o lugar de experiência e enunciação de Frantz Fanon. Em sua obra *The Eloquence of Silence: Algerian Woman in Question* (2019), a socióloga aponta que é preciso estar ciente de que as análises de Fanon não representam experiências totalizantes das mulheres na guerra da Argélia.

Lazreg (2019) destaca que Frantz Fanon foi o primeiro intelectual a analisar a participação das mulheres na independência da Argélia e apresenta uma interpretação individual e ao mesmo tempo próxima ao posicionamento da FLN referente à questão. Nesse caminho, ressalta que “porque *ele* escolheu discutir a questão da mulher na Revolução Argelina, seu texto deve ser analisado como reflexo dos seus sentimentos enquanto homem e ativista político” (Lazreg, 2019, p.118. Grifo da autora, tradução da autora). Logo, é preciso situar o testemunho de Fanon na compreensão da produção do conhecimento enquanto saberes localizados, como apontado por Haraway (1995), ou seja, não universais.

Por essa perspectiva, as análises de Fanon são construídas a partir de sua experiência, ou seja, não são isentas de conflitos e são também passíveis de serem questionadas. Sendo assim, em consonância com a reflexão de Lazreg (2019), compreendemos que as experiências das mulheres na guerra da Argélia narradas pelo autor comportam um posicionamento a partir do cenário em que ele também atuava e das experiências que o constituíram. Sendo assim, o testemunho de Fanon não é analisado na intenção de validar a experiência de luta das mulheres argelinas, mas de forma que seja uma possibilidade de fonte histórica que nos auxilie a compreender esse processo histórico e suas lutas.

Assim, buscamos compreender de que forma Frantz Fanon menciona as atuações das mulheres argelinas no movimento anticolonial para identificar a partir dos vestígios de seu testemunho, quem eram elas, como atuavam, como se organizavam e pelo que lutavam.

A decisão de envolver as mulheres como elementos ativos da Revolução Argelina não foi tomada facilmente. **Em certo sentido, foi a própria concepção do combate que teve que ser modificada.** A violência do ocupante, sua ferocidade, seu apego delirante ao território nacional, induziram os dirigentes a não mais excluir certas formas de combate. Progressivamente, a urgência de uma guerra total se fez sentir. Mas envolver as mulheres não foi apenas uma resposta ao desejo de mobilizar toda a nação. **A entrada da mulher na guerra teve que ser harmonizada com o respeito pela natureza [tipo] revolucionária da guerra** (Fanon, 1965, p. 48. Tradução da autora, grifo nosso).

Ao longo de seu texto Fanon oferece indícios da percepção da revolução enquanto um processo em constante movimento. Na análise, identifica que o movimento revolucionário não corresponde a um sentido linear de descolonização e destaca: “na

PINTO, C. A.

prática da Revolução o povo compreendeu que os problemas são resolvidos no mesmo movimento em que são levantados” (Fanon, 1965, p.48. Tradução da autora).

Lewis Gordon (2015) ressalta que no contexto em que Fanon escreveu essa obra, ele carregava esperanças de que as contradições internas se resolveriam no próprio caminhar da revolução. É possível questionar historicamente, ao analisar seu testemunho a partir do tempo presente, se estas contradições foram resolvidas da forma como Fanon esperava. Uma das discussões centrais do primeiro capítulo de *A Dying Colonialism* (1965) de Fanon, intitulado “A Argélia se desvela”, se refere ao debate sobre o véu utilizado pelas mulheres argelinas, chamado *haik*, indicando que o autor constrói sua análise do processo revolucionário e sua “natureza” dinâmica a partir da problemática da cultura.

Segundo Fanon (1965), incorporar as mulheres na luta anticolonial foi uma decisão totalmente revolucionária. Uma vez que as redes do movimento precisavam ser ampliadas sem afetar sua eficiência, as atuações das mulheres constituíram uma reestruturação total das formas de combate. Isto porque não foram apenas integradas como a luta em certa altura foi totalmente dependente de sua presença e ação.

A análise das decisões das lideranças durante o movimento de independência é um elemento que se apresenta ao longo de toda esta obra de Fanon. Como mencionado anteriormente, envolver as mulheres não foi uma decisão simples, as lideranças estavam cientes de que a participação delas na luta envolveria uma transformação abrupta da cultura e das relações sociais argelinas. Fanon pondera se esse choque não seria um empecilho para a revolução, no sentido de desviar das prioridades.

As mulheres, especialmente as da cidade, sofreu uma perda de tranquilidade e de segurança. Habitada ao confinamento, seu corpo não tinha a mobilidade normal diante de um horizonte ilimitado de avenidas, de calçadas desdobradas, de casas, de pessoas esquivadas ou esbarradas. Esta vida relativamente enclausurada, com suas categorizadas e reguladas idas e vindas, fez com que qualquer revolução imediata parecesse uma proposta duvidosa. Os líderes políticos estavam perfeitamente familiarizados com estes problemas, e suas hesitações expressam sua consciência de suas responsabilidades. Eles tinham o direito de duvidar do sucesso desta medida. Tal decisão não teria consequências catastróficas para o progresso da Revolução? (Fanon, 1965, p.49. Tradução da autora)

A esta afirmação, Neil Macmaster (2009) complementa que inicialmente para a maioria dos dirigentes da FLN se aprofundar sobre a “questão da mulher” não era tão imediato quanto às questões urgentes despertadas pela guerra e pela luta por sobrevivência. Contudo, estas posturas foram questionadas no processo devido ao próprio movimento e a militância destas mulheres, afirma o historiador (2009). Ainda referente à entrada das mulheres, divergências e críticas em relação ao texto de Fanon se apresentam.

Marnia Lazreg (2019) não perde de perspectiva a ciência de que Fanon escreve a partir de suas experiências de um homem que não compartilha dos valores culturais da sociedade argelina, fator que se expressa em sua análise. É nesse sentido que a socióloga identifica no autor uma contradição, visto que as próprias mulheres se voluntariaram à FLN. Isto implica que explicações como eram “habitadas ao confinamento” ou levavam uma “vida relativamente enclausurada”, como mencionadas na citação anterior (Fanon, 1965, p.49) não eram suficientes para impedir que elas se organizassem na luta. Segundo a autora,

PINTO, C. A.

Fanon não está ciente das implicações do que ele percebe como etapas da introdução das mulheres no movimento. Por exemplo, ele afirma que as mulheres casadas foram as primeiras a serem procuradas, depois esposas de homens que já eram atuantes no movimento, e mais tarde mulheres viúvas ou divorciadas. Finalmente, "meninas solteiras voluntárias" foram aceitas. Ele não menciona que o medo de estupro e/ou falta de confiança pode ter sido responsável pela relutância da FLN em deixar entrar as jovens mulheres. Sua explicação de que as mulheres solteiras foram evitadas porque raramente se aventuram fora de casa desacompanhadas é contrariada por seu próprio relato de que essas mesmas mulheres se voluntariaram para entrar no movimento. (Lazreg, 2019, p.118. Tradução da autora)

Fanon (1965) de fato classifica em etapas a entrada das mulheres no movimento como citado acima. Pelo que o autor apresenta, a dúvida das lideranças era mais latente quando cogitadas as transformações culturais que suas atuações e movimentos na cidade poderiam desencadear. O que, no meu entendimento, demonstra uma certa hesitação no sentido de se queriam de fato que as mulheres assumissem ou se poderiam assumir esse compromisso.

No entanto, o que Lazreg (2019) ressalta sobre o medo de estupro e da violência como um elemento responsável pela relutância das lideranças é brevemente mencionado por Fanon, embora tenha dedicado menor atenção a este fator. Segundo o autor, a FLN estava “perfeitamente ciente da ferocidade do colonizador. [...] Nenhum deles falhou em perceber que qualquer mulher argelina presa seria torturada até a morte” (Fanon, 1965, p.49. Tradução da autora). É possível perceber que Fanon dedica mais atenção à decisão das lideranças do que das próprias mulheres, o que pode nos indicar suas intencionalidades com este texto.

Lewis Gordon (2015) apresenta que Fanon escreveu essa obra com o consentimento do GPRA (Governo Provisório da República Argelina), no contexto ainda em guerra onde a organização precisou combater as propagandas colonialistas a seu respeito. Por esse motivo, o autor é cuidadoso ao apresentar os processos de tomada de decisão, afinal, “a descolonização é sempre um fenômeno violento” (Fanon, 2002, p.51). Decisões que podem destinar alguém a correr o risco de tortura e morte é uma preocupação a ser analisada com cautela e esta que levou as mulheres a comporem o corpo militante da organização não foi isenta de oposições internas, ressalta Fanon (1965).

A questão que se sobressai a partir da leitura da obra de Lazreg (2019) é que, ao se dedicar à análise das atitudes das lideranças, Fanon não se aprofunda sobre a agência das mulheres em seu texto. Por vezes, o autor as aborda a partir da relação com figuras masculinas, sejam elas companheiros de luta ou colonizadores. Por esse motivo, é necessário analisar a narrativa de Fanon na interlocução com outras fontes com o objetivo de buscar vestígios que possam nos indicar caminhos percorridos por elas.

A análise de Lazreg (2019) do texto de Fanon é uma leitura fundamental para o campo de estudo do fanonismo feminista apresentado por uma socióloga argelina. Lazreg escreve originalmente em 1994, década marcada na historiografia argelina por um crescente de pesquisas a respeito da história das mulheres militantes e suas experiências. Uma das responsáveis pela ampliação deste campo foi Djamilia Amrane com sua obra *Les Femmes Algériennes dans la Guerre* publicada em 1991.^{III}

Registrada com o nome de Danièle Minne (1939-2017), a escritora e historiadora foi uma militante nascida na França que residia na Argélia e integrou a FLN aos 17 anos,

PINTO, C. A.

quando adotou o nome Djamila. Filha dos franceses Jacqueline Guerroudj (1919-2015), professora e militante do Partido Comunista Argelino (PCA) e da FLN e Pierre Minne, professor de filosofia e ativista anticolonial no Senegal. Djamila Amrane foi presa em 1956 e condenada a 7 anos de prisão quando tinha 17 anos, tendo sido solta em 1962 com a independência do país. A socióloga Jacqueline Martin (2017) a apresenta como *moudjahida* (combatente) e historiadora das combatentes, mencionando que desde jovem acompanhava sua mãe em seus trabalhos de militância que atuava pelo PCA junto com seu padrasto Abdelkader Guerroudj, ambos condenados à morte.

Danièle Minne se mudou para Argel quando sua mãe e seu padrasto entraram na clandestinidade em 1956. Quando tinha 16 anos participou das greves de estudantes e secundaristas. Durante a batalha de Argel, a partir da qual a clandestinidade adotou o nome de Djamila, foi responsável pelo transporte de documentos, armas e ações de sabotagem. Participou em janeiro de 1957 da explosão do café *l'Otomatic* e se refugiou no maqui Wilaya III^{IV}, onde ficou por quase um ano até ser presa em 1957 na fronteira com a Tunísia^V. (Martin, 2017)

Após a independência ingressou na Universidade de Argel e se casou com Rabah Amrane, com o qual teve dois filhos. Desde então, Djamila Amrane continuou com sua militância se dedicando a pesquisar a atuação das mulheres na guerra da Argélia, fazendo entrevistas e pesquisas de arquivo realizando um importante trabalho de memória da revolução (Martin, 2017). Em sua obra (1991) a autora inicia questionando que embora sejam numerosos os materiais a respeito da independência sejam eles filmes, livros ou testemunhos, a militância das mulheres é majoritariamente ignorada.

No capítulo “A Argélia se Desvela”, Fanon (1965) aponta que até 1955 os combatentes da FLN eram exclusivamente homens. Lazreg (2019), no entanto, apresenta fontes de que algumas mulheres asseguraram ter sido contatadas pela FLN poucos meses antes da guerra começar em 1954. Amrane (1991) também destaca que as mulheres se envolveram na política e na guerra desde o início da luta, espaços que antes eram reservados exclusivamente aos homens. Em 1955, portanto, as mulheres não só já estavam envolvidas como já estampavam as capas dos veículos de imprensa local como Djamila Bouhired. (Amrane, 1991). Essa militante se tornou símbolo do povo argelino em luta e recebeu em sua dedicação filmes, livros, poemas e canções.^{VI}

Em 1957, Djamila Bouhired foi presa acusada de terrorismo sendo submetida a tortura e condenada à morte, junto a outras militantes como Zohra Drif, Samia Lakhdari e Djamila Bouazza (Macmaster, 2009). Estas ativistas atuaram na guerrilha urbana compondo um grupo que é chamado de *fidayate*^{VII}. As *fidayates* representam apenas 2% entre todas as mulheres militantes e participaram diretamente nas ações de transporte de documentos, armas ou bombas (Amrane, 1992).

PINTO, C. A.

Figura 1 – Fotografia. Da esquerda para a direita: Samia Lakhdari, Zohra Drif, Djamila Bouhired, Hassiba Ben Bouali.



Fonte: Wikimedia Commons.^{VIII}

Quando se pesquisa sobre as mulheres na guerra da Argélia, a foto acima se sobressai entre os resultados da busca digital. A imagem datada de 1956 é composta pelas *fidayates* protagonistas na Batalha de Argel, tirada por Ali La Pointe quando viviam na clandestinidade escondidas na casa da família Belhaffaf. Zohra Drif (2017)^{IX} nos conta a história dessa foto:

É claro que Ali não pôde deixar de nos fazer rir, dizendo: "Ei, olha, *ya kho*, olha o anjinho que o exército francês está procurando e chamando de pessoa mais perigosa ao redor!"^X Ele era falador e continuava expressando sua surpresa ao descobrir que a combatente apresentada pela imprensa colonial como "terrorista perigosa" era na verdade tão jovem, tão frágil, tão bonita e refinada. [...] Ali quis tirar uma foto de nós quatro na cobertura de Belhaffaf. Samia e eu expressamos nossa forte recusa, obcecadas com as regras de segurança e tudo o que tínhamos aprendido sobre a vida clandestina. Mas Ali insistiu, declarando que ele era o mais feliz dos irmãos e o mais orgulhoso dos homens desde que Deus não poderia ter-lhe enviado irmãs mais maravilhosas que nós quatro. Enfim nós cedemos. Como uma criança encantada por seu brinquedo, Ali o conduziu. Ele distribuiu uma arma para cada um de nós, instruindo-nos sobre a melhor forma de segurar e apontá-las. Ele tirou a foto, feliz como criança. De frente para a câmera, Samia, que escondeu seu rosto atrás da arma estendida, não parou de ruminar durante os dias seguintes sobre nosso incrível descuido. (Drif, 2017, p.180. Tradução da autora)

O receio de Samia não era infundado, visto que essa foto caiu em mãos dos serviços de segurança francês levando-as a serem identificadas. Antes disso, seus rostos não eram conhecidos, apenas por companheiros de luta com os quais haviam trabalhado juntos. Zohra Drif (2017) menciona que conta essa história "porque expressa o quão humano, fraternal e afetuoso Ali la Pointe era" (Drif, 2017, p.180. Tradução da autora), e

PINTO, C. A.

ao narrar essa memória nos leva a refletir que o processo revolucionário é sobretudo uma luta de produção da vida (Mbembe, 2019).

Como ressalta Fanon, “o *fidai*, por outro lado, tem um encontro com a vida da Revolução, e com sua própria vida” (Fanon, 1965, p.57. Tradução da autora). Parece-me perceptível ao colocar em diálogo as obras de Fanon (1965), Drif (2017) e Amrane (1991) que por terem atuado diretamente na luta e se dedicado a registrar suas memórias, cada qual em sua forma de narrar, demonstram o interesse em comum de humanizar o processo revolucionário. Em afinidade com essa intenção, optei por apresentar sempre que possível as mulheres que apareceram durante a pesquisa diretamente no corpo do texto, em uma tentativa de costurar suas trajetórias com a narrativa de Fanon.

Nascida em 1935 em Argel, Djamila Bouhired se vinculou à FLN em 1956 recrutada por seu tio, Mustapha Bouhired. Filha de um pai argelino e mãe tunisiana, Bouhired teve sua trajetória escolar em uma escola francesa e integrou a FLN quando ainda era estudante aos 21 anos. O caso de Djamila recebeu atenção internacional devido à mobilização de Jacques Vergès, advogado de defesa da FLN, que tomou como estratégia utilizar do tribunal como um espaço político para denunciar a violência, tortura e estupro do exército francês contra as militantes da FLN. (Macmaster, 2009)

Após Djamila ter sido condenada à morte, Jacques Vergès^{XI} iniciou uma campanha em sua defesa que levou seu nome à imprensa internacional. Ela foi libertada com a independência em 1962. A socióloga argelina Ferial Lalami (2019)^{XII} considera Bouhired como uma ponte entre o período da luta de independência e a construção da democracia, uma vez que Bouhired se manteve ativa na luta participando das manifestações de 2019^{XIII} aos 84 anos.

Zohra Drif nasceu em 1934 na cidade de Tiaret, Argélia, tendo sido estudante de direito na Universidade de Argel antes de integrar a FLN. Foi membra da guerrilha urbana armada, as *fidayate*, conduzindo e dando suporte a muitas operações que levaram o combate argelino a receber atenção internacional. Foi presa e condenada por terrorismo a 20 anos de trabalho forçado, mas ficou presa por 5 anos na Argélia e posteriormente transferida para a França onde permaneceu até ser liberta com a independência em 1962.

No mesmo ano, Zohra Drif foi eleita na primeira Assembleia Constituinte Nacional da Argélia e foi cofundadora de uma organização de apoio à juventude órfã em decorrência da guerra. Continuou atuando como advogada criminal em Argel e serviu como vice-presidente do Senado a partir de 2003. (Drif, 2017). Sua obra publicada originalmente em 2013 retrata com detalhes a memória da luta por independência, apresentando desde os primeiros contatos com a FLN até a prisão, bem como suas vivências com as companheiras de luta.

Zohra Drif (2017) narra que Samia Lakhdari (1934-2012) foi uma grande amiga desde a época da escola até a faculdade de direito, sendo uma das únicas mulheres argelinas nos espaços educacionais que frequentaram. Samia também foi integrante da guerrilha urbana da FLN, responsável por transporte de documentos, armas e ativa no combate da Batalha de Argel. Além dos estudos, Samia e Zohra também realizaram muitas missões juntas tais como os atentados de Argel em setembro de 1956^{XIV}.

Segundo Drif (2017), ela e Samia levaram para discussão com dirigentes da FLN a necessidade de levar a guerra para o “território inimigo” com a atuação das mulheres, argumentando que os franceses viviam em paz, tranquilidade e segurança em seus bairros: “era essencial fazer essa população sofrer a guerra também, e explicou como a organização poderia usar jovens mulheres como nós – que podiam circular sem

PINTO, C. A.

dificuldade e sem levantar suspeitas dos franceses – ao nos integrar nos grupos armados.” (Drif, 2017, p.104. Tradução da autora)

Nascida em 1938 na cidade de El-Asnam, Argélia, Hassiba Ben Bouali, que aparece à direita na foto anterior, era a mais nova entre elas. No ano de início da guerra, 1954, Hassiba tinha 16 anos e se envolveu com a luta quando integrou a União Geral dos Estudantes Muçulmanos Argelinos. Drif (2017) menciona que Hassiba trabalhou na constituição de rotas e transporte de bombas junto com os irmãos Timsit^{XV} que comandavam um laboratório de bombas no bairro Birkhadem. Zohra Drif (2017) não apresenta como ela foi identificada pelos oficiais franceses, mas menciona que conseguiu escapar da prisão e juntar-se a ela na casa de Belhaffaf. Hassiba foi assassinada aos 19 anos junto com Ali la Pointe, tendo a casa onde se escondiam explodida por militares franceses.^{XVI}

Embora as *fidayate* sejam a minoria entre as militantes, este foi o ativismo das mulheres argelinas mais divulgado entre as propagandas da FLN e internacionalmente. É também o grupo de atuações a que Fanon faz referência no capítulo “A Argélia se Desvela”, no qual se concentra em analisar como suas atuações no transporte de armas, documentos e constituição de rotas de fuga que fizeram nas cidades contribuíram para uma transformação profunda dos valores culturais da sociedade argelina.

As mulheres, que antes da Revolução nunca saía de casa sem ser acompanhada por sua mãe ou seu marido, está agora encarregada de missões especiais, como ir de Orão a Constantina ou Argel. Por vários dias, sozinha, carregando diretrizes de importância capital para a Revolução, ela pega o trem, passa a noite com uma família desconhecida, entre militantes. [...] Deve-se destacar também que os militantes que estão sendo procurados pela polícia se refugiam com outros militantes ainda não identificados pelo ocupante. Nesses casos, a mulher, deixada sozinha o dia todo com o fugitivo, é a responsável por dar a ele comida, jornais, as notícias, sem demonstrar qualquer traço de suspeita ou medo. Envolvidos na luta, o marido ou o pai aprende a olhar as relações entre os sexos sob uma nova luz. O homem militante descobre a mulher militante e, juntos, criam novas dimensões para a sociedade argelina. (Fanon, 1965, p.59-60. Tradução da autora)

Segundo Djamila Amrane (1992), a atuação das mulheres nas guerrilhas urbanas se demonstrou essencial pois se misturavam com mais facilidade entre a população nas ruas tendo maior liberdade de movimento, visto que não eram especialmente suspeitas para o exército francês. Durante a Batalha de Argel em 1957 quando a guerrilha urbana atingiu uma escala massiva e com a ameaça de uma greve geral, o governo francês interviu com fortes medidas de vigilância causando prisões em massa.

Por este motivo, muitos grupos militantes ficaram impossibilitados de se locomover fazendo com que as mulheres assumissem as atividades de conexões e transporte de armas. A autora aponta que é impossível quantificar a participação feminina *fidayate*, mas é possível afirmar que elas foram responsáveis na Batalha de Argel por dois terços dos depósitos de bombas na cidade, além de terem participado da liderança da Batalha. Fanon (1965) afirma que a vigilância na cidade se generalizou a partir do momento que as autoridades perceberam que também havia franceses envolvidos com a luta, foi quando todas as pessoas eram revistadas na rua tornando necessária novas estratégias de camuflagem na cidade.

Estas atividades desempenhadas pelas mulheres na cidade também são referidas por Fanon. Retomamos para esta reflexão a perspectiva apresentada pelo autor em *Os*

PINTO, C. A.

Condenados da Terra (2002) a respeito do mundo colonial ser um mundo compartimentado, fragmentado em dois cuja fronteira é demarcada pelas administrações militares. Na Argélia, essa fragmentação era literal, com fronteiras e *checkpoints* entre a cidade europeia e a cidade colonizada: “essa abordagem do mundo colonial, do seu arranjo, da sua disposição geográfica, vai nos permitir delimitar as arestas a partir das quais se reorganizará a sociedade descolonizada” (Fanon, 2002, p.54).

Compreendendo esses arranjos coloniais, Fanon analisa que as atuações das mulheres argelinas nas tarefas de circular pela cidade inimiga possibilitaram que as redes da revolução fossem ampliadas. Tais movimentos são identificados, na narrativa de Fanon, tanto na mobilidade entre a cidade inimiga que as faz responsáveis pela expansão da rede revolucionária, quanto a partir das transformações interpessoais, sociais e intercorporais que se consolidam a partir desta mobilidade. Por este caminho, o autor as identifica como imprescindíveis na retomada do território argelino.

Frantz Fanon também escreve um ensaio a respeito de Djamila Bouhired em uma de suas publicações no jornal *El Moudjahid* (n.12, 15 nov.1957), fazendo uma crítica direta à obra de Georges Arnaud e Jacques Vergès *Pour Djamila Bouhired*, do mesmo ano.^{XVII} Intitulado “A propósito de uma defesa” (Fanon, 2021, p.118), esse ensaio tem uma característica bastante presente nos escritos de Fanon durante a guerra, que é a crítica aos democratas e intelectuais franceses e seus posicionamentos perante a revolução.

Georges Arnaud, há três anos o povo argelino é massacrado em nome do povo francês. Sua defesa de Djamila Bouhired é uma honra para você, mas tenha cuidado para não deixar de lado o essencial. [...] Geroges Arnaud, desde então houve múltiplas Djamila Bouhired, torturadas, estupradas e massacradas em território argelino. Haverá outras, e o povo argelino sabe disso. Sabe que a esperança do colonialismo francês é abalar a vontade nacional com tais execuções. A característica da maioria dos democratas franceses é precisamente não se alarmar senão diante de casos individuais, capazes de arrancarem uma lágrima ou provocarem pequenas crises de consciência. (Fanon, 2021, p.119)

Como o caso de Bouhired foi divulgado após sua condenação à morte, muitos intelectuais franceses de esquerda se mobilizaram em sua defesa. Para Fanon, defesas de casos isolados não são suficientes para transformação levando em conta que o contexto de descolonização é um momento de profundas transformações para o novo Estado-nação que está a surgir. O autor defende que para que a libertação seja total é preciso reconhecer que a guerra de descolonização diz respeito aos dois povos (FANON, 2021, p.120).

Embora o público do livro de Vergès e Arnaud seja francês, Fanon considera que essa defesa seja feita a toda causa argelina de forma que o caso de Djamila não seja compreendido isoladamente: “é não apresentar Djamila Bouhired como uma pobre moça vítima da maldade” (Fanon, 2021, p.120).

O riso de Djamila quando sua condenação à morte foi anunciada, que ninguém se iluda, não é nenhuma bravata estéril nem uma demonstração de inconsciência. Esse sorriso é muito mais a manifestação tranquila de uma certeza interior que se manteve inabalável. [...] Djamila Bouhired é uma patriota argelina consciente, membro da FLN. Ela não pede comiseração, tampouco piedade. A dignidade de Djamila Bouhired, sua extraordinária tenacidade, sua obstinação em se manter de pé, em não falar, **sua preocupação de sorrir diante da morte constituem as características essenciais da atitude nacional do povo argelino.** (Fanon, 2021, p.118, 120. Grifo nosso)

PINTO, C. A.

De dentro da prisão, os sorrisos das militantes argelinas também são narrados em relato. Há entre as fontes encontradas nessa pesquisa um testemunho escrito na prisão de Serkadji^{XVIII}, publicado no *Al Hourya (Liberté)*, jornal do Partido Comunista Argelino (PCA)^{XIX}. O documento não possui data nem assinatura, mas sua autoria foi atribuída posteriormente a Eliette Loupe, indicando publicação em 1961. Loupe era uma estudante e militante do PCA presa entre os anos 1957 e 1960 que descreve em seu texto o cotidiano da ala feminina da prisão, assim como as lutas, as esperanças e os confrontos.

Djamila Bouhired e Djamila Bouaza foram condenadas à morte. Seu julgamento terminou tarde da noite, mas na ala das mulheres ninguém estava dormindo. A manifestação disparou imediatamente e durante muito tempo a prisão ressoou com canções patrióticas. Alguns meses mais tarde, foi Baïa Hocine, nossa caçula, e Djoher Akrouj que foram condenadas à morte. Elas retornam de seu julgamento sorridentes e orgulhosas. A quinta pessoa condenada à morte é a nossa irmã Jacqueline Guerroudj, mãe de cinco filhos. De longe, ela sorri para nós. Com um gesto ela nos faz compreender que seu marido, Abdelkader Guerroudj, também é condenado à morte. (Loupe, 1961. p.3. Tradução da autora)

Esse trecho nos demonstra o que Fanon indica na citação anterior. Tanto o caso de condenação à morte de Bouhired não ser uma exceção como a postura narrada pelo seu sorriso constituem uma “atitude nacional” entre ativistas de libertação. Esse relato é de grande relevância para o estudo da participação das mulheres na independência argelina. Podemos considerá-lo como composição de um corpo de literatura que Angela Davis (2018) chama de “escritos do cárcere”: testemunhos de mulheres prisioneiras políticas que apresentam e denunciam “aspectos importantes da organização da punição que, de outra forma, permaneceriam desconhecidos” (Davis, 2018, p.66).

O relato indica as condenações à morte e formas de punições na ala feminina composta majoritariamente por presas políticas, e Eliette Loupe o faz sempre a partir das lutas e suas resistências, tendo sempre em vista a independência como objetivo central. Loupe (1961) indica que todas as mulheres inclusive as idosas, com as quais ela teve contato nesta prisão em específico, foram submetidas à tortura assim que chegaram à prisão. Muitos confrontos diretos com as guardas e a administração são relatados especialmente nas rebeliões das noites dos julgamentos e execuções:

A prisão caiu no silêncio daquela noite pesada, dilacerante e ensanguentada. Quantos irmãos morreram? O dia nasceu... Os pássaros fazem seus primeiros cantos. A vida continua. Ela me parece recomeçar, tanto a morte me impregnou. Estar viva! O amanhecer é impressionante. Estamos todas com dor de cabeça. Estamos em greve de fome como todas as manhãs após as execuções. [...] Os dias em que o sangue não corre, é como uma vitória da vida sobre a morte, mas que angústia cruel em pensar que é uma pausa. O pensamento da morte não nos deixa, é ainda mais horrível porque nossos companheiros estão expostos à guilhotina todos os dias. Para não mencionar os constrangimentos, a humilhação, o ódio, a mesquinhez e a estupidez das guardas e especialmente da chefe. É preciso lutar passo a passo. (Loupe, 1961, p. 3-4. Tradução da autora)

Mesmo encarceradas no espaço cujas muralhas são bem demarcadas, o relato de Loupe (1961) apresenta que as lutas não cessam. Fazendo o que é possível de dentro da prisão, as mulheres continuaram mobilizadas pela causa nacional. Além da greve de fome e as rebeliões contra a violência policial mencionadas no trecho acima, a militante

PINTO, C. A.

também registra que as presas encabeçaram duas lutas fundamentais: o direito à educação e a abolição do trabalho forçado na prisão.

Em relação à educação, Loupe (1961) menciona que as mulheres organizaram em um pequeno salão mesas, quadros e cadeiras improvisadas, e se revezavam entre lecionar e estudar: “Dania et Hadjira fazem os cursos em árabe literário. Lucie dá ditados em francês. Muitas entre nós aprenderam a ler e escrever em árabe e em francês na prisão. As irmãs europeias aprendem o árabe falado.” (Loupe, 1961, p. 2. Tradução da autora) Nesse sentido, Amrane (1992) destaca que o número de mulheres alfabetizadas no período da guerra era ínfimo, totalizando apenas 4,5% das argelinas que sabiam ler e escrever. Este dado indica também, segundo a historiadora, que o acesso ao mercado de trabalho entre elas era muito restrito, sendo sua maioria trabalhadoras rurais, domésticas ou industriais.

Segundo Loupe, o trabalho também é um tema discutido entre as presas. Em pequena menção, a ativista faz referência às lutas das mulheres que precederam na prisão. Com a ajuda de advogados e opinião pública, ela apresenta que o trabalho forçado foi abolido para as presas políticas e para as prisioneiras comuns. Ao falarem do futuro, sobre qual Argélia elas pretendiam construir, Loupe apresenta que sonham em ser professoras, oradoras, enfermeiras, dentre outras atividades: “[sonham] em ter uma profissão na qual dedicariam o melhor de suas forças, consciente dos esforços que cada uma delas deverá fazer para reconstruir e fazer prosperar o nosso país.” (Loupe, 1961, p. 6. Tradução da autora)

Em nota de rodapé, Fanon (1965) indica que há a ser feito um trabalho sobre os diversos papéis das mulheres na revolução, reconhecendo que sua análise se limita apenas a uma forma de atuação:

Há, no entanto, um trabalho importante a ser feito sobre o papel da mulher na Revolução: a mulher na cidade, no *djebel*, nas administrações inimigas; a prostituta e as informações que ela obtém; a mulher na prisão, sob tortura, enfrentando a morte perante os tribunais. Todos esses títulos de capítulos, depois de peneirado o material, revelarão um número incalculável de fatos essenciais para a história da luta nacional. (Fanon, 1965, p.60. Tradução da autora)

Como mencionado anteriormente, a historiadora Djamila Amrane (1992) assume a tarefa de fazer esta pesquisa aprofundada e nos oferece subsídios para evidenciar outras formas de participação das mulheres na guerra. Para além das *fidayates*, a autora identifica outros dois grandes “grupos” de trabalho revolucionário entre as mulheres, são eles: as *maquisardes* e as *moussebilates*. As *maquisardes* representam 16% entre todas as militantes, e por terem lutado nos maquis (guerrilhas no campo e/ou montanhas) junto aos homens *maquisards*, viveram uma ruptura completa com a forma de vida tradicional da sociedade argelina. Foram em sua maioria jovens, onde 74% tinham menos de 25 anos, e 50% tinham menos de 20 anos de idade.

Segundo Amrane (1992), as *maquisardes* além de viverem muitas privações, fome, frio e miséria no campo, enfrentavam diretamente nas batalhas muita violência e o encontro constante com a morte. Segundo a autora, elas diferiam muito em suas origens e em funções. 88,5% entre elas eram de origem rural, sendo responsáveis pela cozinha, um trabalho exaustivo pois elas eram responsáveis por alimentar dezenas de *maquisards*. As poucas mulheres que vinham da cidade tinham algum grau de estudo e eram em sua maioria enfermeiras, estudantes de enfermagem, assistentes sociais ou estudantes

O TRABALHO REVOLUCIONÁRIO DAS MULHERES ARGELINAS NA GUERRA DE INDEPENDÊNCIA DA ARGÉLIA (1954-1962)

PINTO, C. A.

secundaristas recrutadas para trabalhar no setor de saúde. Muitas foram responsáveis por construir hospitais improvisados nos maquis, mas também realizavam tarefas de inteligência nas cidades quando necessário.

As *moussebilates* eram resistentes civis que foram suporte das ações armadas em todo o território argelino. Constituem 82% entre todas as ativistas, e atuaram tanto nas áreas rurais quanto urbanas, mas em sua maioria nas primeiras. Tinham a média de idade de 32 anos, eram geralmente mais velhas que as *maquisardes* e as *fidayates*. Mulheres adultas, em sua maioria mães e esposas, realizaram tarefas como agentes de ligação, coletoras de fundos, enfermeiras, secretárias, costureiras, agentes de inteligência e propagandistas. Contudo, sua principal atividade era fornecer acomodação e suprimentos para os e as militantes em deslocamento, e tratamentos para os feridos. Aponta Amrane (1992), que os militantes passavam longos períodos de tempo recebendo abrigo destas mulheres, sendo muitas vezes, integrados à família.

‘Eu soube em 1962. Eles vieram à minha casa, Farida, Si Said, Si Hassan, Slimane, eles almoçaram, tomaram chá e elas, elas não estavam lá (ela chora). Eu não queria estragar o apetite deles, não disse nada. Quando eles terminaram, eu perguntei:

— E então, minhas filhas? Mériem?

Eles se olharam e me disseram:

— Ela morreu como mártir.

Pouco depois, eu disse:

— E El Alia?

Hassan, com a voz estrangulada, me disse

— Ela morreu como mártir.

Eu disse

— E Youcef? Ele é meu filho adotivo, ele também foi ao maqui.

— Ele morreu como mártir.

Eu não disse nada, não queria chorar na frente deles. Fui para a cozinha e chorei. Ó minha mãezinha, estou devastada. E então, Deus, que ele seja louvado, me deu fê para suportar...’

(Fatima Bedj, combatente da resistência civil, perdeu nos maquis duas de suas filhas e seu filho adotivo). (Amrane, 1992, p.60. Tradução da autora)

Para Amrane (1992), as *moussebilates* resistiam à guerra duplamente, pois além de realizar todas essas tarefas, sofriam o luto de seus filhos, filhas e familiares. Por comporem a grande maioria entre as ativistas, realizarem os trabalhos cotidianos e ininterruptos da revolução e estarem sempre em alerta, a autora as considera como o grande pilar de sustentação da luta de libertação nacional. “A soma de todas essas ações e sofrimentos corajosos cimenta a luta. E só a palavra dada a essas mulheres pode revelar a profundidade de seu compromisso e a extensão dos sacrifícios feitos” (Amrane, 1992, p.60. Tradução da autora).

Notas^{XX}

¹ Mestre e licenciada em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). E-mail: cadidjap@gmail.com.

² Tais como as sociólogas argelinas Marie-Aimée Helie-Lucas (1999) e Marnia Lazreg (2019), a psicóloga portuguesa Grada Kilomba (2019), a filósofa indiana Gayatri Spivak (2019) e a psiquiatra palestina Samah Jabr (2021). No Brasil, a antropóloga Rosânia do Nascimento (2019) se debruça sobre o pensamento de

O TRABALHO REVOLUCIONÁRIO DAS MULHERES ARGELINAS NA GUERRA DE INDEPENDÊNCIA DA ARGÉLIA (1954-1962)

PINTO, C. A.

Fanon e suas influências nas obras da filósofa Lélia González, da psicanalista Neusa de Souza Santos e da historiadora Beatriz Nascimento.

^{III} A obra foi publicada em 1991 pela editora Plon, em Paris, como resultado de sua tese de doutorado defendida em 1988 intitulada “Les femmes algériennes et la guerre de libération nationale en Algérie, 1954-1962”. Escrita em francês, a obra não possui tradução e conta com o prefácio do historiador francês Pierre Vidal-Naquet. Infelizmente não encontrei durante a pesquisa a obra completa, apenas uma parte dela disponível no site Gallica, a biblioteca digital da Biblioteca Nacional da França. A obra, no entanto, está disponível para compra em sites de editoras francesas. Disponível em <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k4801555q/f5.item>> Acesso em maio de 2022.

^{IV} Wilaya era uma unidade ou região militar do Exército de Libertação Nacional (ALN). Para saber mais sobre as Wilayas, ver *Les wilayas dans la crise du FLN de l'été 1962*, de Amar Mohand Amer. Disponível em <<https://journals.openedition.org/insaniyat/14796>>. Acesso em junho de 2022.

^V Após uma decisão do comandante Amirouche de evacuar as mulheres e estudantes dos maquis após a intensificação das operações militares na Cabília, região montanhosa no norte da Argélia. (MARTIN, 2017)

^{VI} “Um filme (*Djamila l'Algérienne* de Youcef Chacine, 1958), um livro (*Pour Djamila Bouhired* de Georges Arnaud e Jacques Vergès, Paris, *éditions de Minuit*, 1957), e canções (como as cantadas por Quarda El Djezaïria, argelina que vive no Egito, Sou'ad Mohamed, egípcia, e Hadja Hamdaouïa, marroquina) celebram seus feitos e sofrimentos. Este é um caso único, nenhum outro filme ou canção (composta e cantada no exterior) dedicada a uma personalidade desta forma existiu durante a guerra. Apenas um outro livro traça a epopeia de um personagem e, novamente, é uma mulher (*Djamila Boupacha* de Gisèle Halimi, Paris, Gallimard, 1962)” (AMRANE, 1991, p.13. Tradução da autora).

^{VII} *Fidayate* representa em francês o feminino de *fidai*, que significa “voluntário da morte” (N.T. FANON, 1965, p.55). “O *fidai* não precisa desconhecer o perigo, embaçar sua consciência ou esquecer. O 'terrorista', a partir do momento em que assume uma missão, permite que a morte entre em sua alma. Ele tem um encontro com a morte. O *fidai*, por outro lado, tem um encontro com a vida da Revolução, e com sua própria vida. O *fidai* não é um dos sacrifícios. Certamente ele não se encolhe diante da possibilidade de perder sua vida ou a independência de seu país, mas em nenhum momento ele escolhe a morte.” (FANON, 1965, p.57-58. Tradução da autora)

^{VIII} Disponível em <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Les_poseuses_de_bombes.jpg>. Acesso em 17 jun. 2022.

^{IX} Autora do livro *Mémoires d'une combattante de l'ALN: Zone Autonome d'Alger* (2013), acessível online a tradução em inglês *Memoir of a Woman Freedom Fighter: Inside the Battle of Algiers* (2017). Disponível em <<https://pt.br1lib.org/book/5606239/f870b1>>. Acesso em junho de 2022.

^X Referindo-se a Hassiba Ben Bouali que havia acabado de chegar no esconderijo e conhecido as outras combatentes. (DRIF, 2017)

^{XI} Jacques Vergès foi o advogado de defesa de Djamila, responsável por levantar a campanha em sua defesa cuja mobilização teve alcance internacional, e se tornou seu esposo após a independência.

^{XII} France Culture. *Djamila Bouhired, icône des révoltes algérienne*. Youtube, 7 mar. 2019. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=-C-OEi1-OMI>> Acesso em 17 jun. 2022.

^{XIII} Trata-se do *Hirak*, movimento nacional que mobilizou milhões de pessoas, em sua maioria jovens, entre os anos 2019 e 2021. As manifestações começaram logo após Abdelaziz Bouteflika anunciar sua candidatura para um quinto mandato presidencial. As exigências da manifestação eram a renúncia imediata de Bouteflika em defesa de um Estado democrático, libertação de presos políticos, justiça social e melhor governança dos recursos naturais do país. Para saber mais sobre o *Hirak*, ver EL-NAGGAR, Linda. *Algeria's Hirak Movement: A Second National Liberation?* UI Paper No.1, 2022. Disponível em <<https://www.ui.se/butiken/uis-publikationer/ui-paper/2022/algerias-hirak-movement--a--second-national-liberation/>> Acesso em 17 jun. 2022.

^{XIV} Em agosto de 1956 um grupo de civis franceses realizou um ataque de bombas contra os moradores da Rua de Thèbes na Casbah de Argel (cidade islâmica), causando a morte de 70 pessoas. Em resposta a esse atentado e aos assassinatos de muitos militantes presos, a FLN realizou um contra-ataque onde o chefe militar da zona autônoma de Argel Yacef Saadi designou as voluntárias Zohra Drif, Samia Lakhdari e Djamila Bouhired para realizar ataques a cafés nos bairros franceses. (DRIF, 2017) Esta ação realizada por elas ficou conhecida como Atentados de Argel de 1956 e foi representada no filme *A Batalha de Argel*

O TRABALHO REVOLUCIONÁRIO DAS MULHERES ARGELINAS NA GUERRA DE INDEPENDÊNCIA DA ARGÉLIA (1954-1962)

PINTO, C. A.

(1966) do diretor italiano Gillo Pontecorvo, filme no qual o próprio Yacef Saadi participou da produção e também atuou.

^{XV} Daniel Timsit e seus irmãos cujos nomes não consegui encontrar. De família judaica-berbere, Daniel Timsit era do Partido Comunista Argelino e se juntou à FLN após o acordo com o PCA de incorporarem seus militantes à FLN em 1956. Daniel Timsit serviu no laboratório de explosivos para a rota de bombas da zona autônoma de Argel liderada por Yacef Saadi. (KATZ, 2015)

^{XVI} Drif (2017) relata que estava na prisão quando recebeu a notícia do falecimento de seus companheiros: “Eu quis tanto gritar naquela cela o quanto Ali era certo e bom, como ele amou a vida e a Argélia. [...] E Hassiba, oh! Meu Deus! Hassiba nossa caçula, Hassiba nossa pequena irmã. Eu quis gritar seu nome para que ela assombrasse eles para sempre, para professar sua beleza, sua completa devoção para nosso povo e para a libertação da nossa pátria amarrada e estuprada.” (DRIF, 2017, p.381. Tradução da autora)

^{XVII} Georges Arnaud foi um escritor e ativista francês que residia na Argélia durante a guerra.

^{XVIII} Antiga prisão Barberousse, prisão de alta segurança construída em Argel durante a colonização francesa.

^{XIX} Documento encontrado no site *Socialgerie*. Disponível em

< <http://www.socialgerie.net/spip.php?article38> >. Acesso em março de 2021.

Referências bibliográficas

ABU-LUGHOD, Lila. As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação? Reflexões antropológicas sobre o relativismo cultural e seus Outros. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 20(2): 451-470, maio-agosto/2012. Disponível em < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000200006/22849> >. Acesso em 14 jul. 2022.

AMARA, Noureddine. **Une mémoire hors contrat**. Rédaction Nationale, Liberté. Argélia, 2021. Disponível em < <https://www.liberte-algerie.com/contribution/une-memoire-hors-contrat-353284> > Acesso em 15 jul. 2022.

DAVIS, ANGELA. *Estarão as prisões obsoletas?* Rio de Janeiro: Difel, 2018.

DJAMILA, Amrane. Les combattantes de la guerre d'Algérie. In: **Matériaux pour l'histoire de notre temps**, n°26, 1992. La guerre d'Algérie: les humiliés et les oubliés. pp. 58-62. Disponível em < https://www.persee.fr/doc/mat_0769-3206_1992_num_26_1_404867 >. Acesso em 24 jun. 2022.

DO NASCIMENTO, R. Frantz Fanon no Brasil: Uma releitura da sua recepção pelo Pensamento Negro Feminista. **Revista Ártemis**, [S. l.], v. 27, n. 1, p. 158–181, 2019. DOI: 10.22478/ufpb.1807-8214.2019v27n1.46705. Disponível em: < <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/46705> >. Acesso em: 3 dez. 2021.

DRIF, Zohra. **Inside the Battle of Algiers: memoir of a woman freedom fighter**. Charlottesville, Virginia: Grey Editing, 2017.

O TRABALHO REVOLUCIONÁRIO DAS MULHERES ARGELINAS NA GUERRA DE
INDEPENDÊNCIA DA ARGÉLIA (1954-1962)

PINTO, C. A.

FANON, Frantz. **A Dying Colonialism**. Tradução CHEVALIER, Haakon. Nova Iorque: Grove Press, 1965.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2002.

FANON, Frantz. **Escritos Políticos**. Tradução: Monica Stahel. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

FANON, Frantz. **Por uma revolução Africana**. Textos políticos. Editora ZAHAR, 2021.

FAUSTINO, Deivison Mendes. **Frantz Fanon: um revolucionário, particularmente negro**. 1.ed. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.

France Culture. Djamila Bouhired, icône des révoltes algérienne. Youtube, 7 mar. 2019. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=-C-OEi1-OMI> > Acesso em 17 jun. 2022.

GOLAY, Annabelle. Féminisme et postcolonialisme: Beauvoir, Fanon et la guerre d'Algérie. **International Journal of Francophone Studies**, v.10, n. 3, p. 407-424, 2007. Disponível em < <https://faculty.chass.ncsu.edu/marchi/FLF401/Feminism%20&%20Postcolonialis m.pdf> > Acesso em 15 jul. 2022.

GORDON, Lewis R. **What Fanon Said**. A philosophical introduction to his life and thought. Nova Iorque: Fordham University Press, 2015.

LAZREG, Marnia. **The Eloquence of silence. Algerian Women in Question**. 2. Ed. London; New York: Routledge, 2019.

MACMASTER, Neil. **Burning the Veil**. The Algerian war and the 'emancipation' of Muslim Women, 1054-62. UK: Manchester University Press, 2009.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. São Paulo: n-1 edições, 2018.